



## EUROPA

O nome *Europa* é-nos tão familiar que pouco nos interrogamos sobre a sua origem. A própria etimologia é incerta: para alguns, o termo é grego (origem indo-europeia ou egeia pré-helénica) e associa os dois lexemas, εὐρ- e -ώπη, em que o primeiro é morfema radical em εὐρύς, “extenso”, “vasto”, e o segundo é o lexema ὠψ, ὠπός, “olho”, “aspeto”, portanto “vasto olhar”, “região extensa”; para outros, a origem é semítica, de *ereb*, “noite”, indicando a “terra do anoitecer”, pelo que Europa aludiria a terras de Ocidente, onde o “sol se põe”, tal como o mito com o seu nome, que narra uma aventura de Oriente para Ocidente. O certo é que a palavra apareceu na língua grega já no século VIII a.C., em Hesíodo, sendo Europa, em qualquer das etimologias, o nome dado a uma deusa ou a uma mulher e, simultaneamente, a uma parte do mundo. Assim, por mais que a nossa curiosidade remonte no tempo, Europa tem as suas raízes no mito.

Figura mitológica no dealbar do pensamento helénico, Europa é *feminina* na sua primeira manifestação cognitiva. Foi Hesíodo quem, na *Teogonia*, entre as filhas de Tétis e de Oceano (vv. 346-366), menciona Europa (v. 357, p. 86) – «[...] e a graciosa Petreia, e Menesto, e Europa [...]». Já o mito do “rpto de Europa” aparece em múltiplos textos, celebrando o encontro entre deus (Zeus ou Júpiter) e a princesa, ora condensado em poucos versos, ora em idílios enfáticos, ora em poemas facundos no conteúdo.

De todos eles, nos alvares do século VIII a.C., Homero é o primeiro a revelar o mito de Europa, na *Ilíada* (XIV, 312-313, 321-322), quando o pretendente divino, em arrebatado desejo de amor por Hera, confessa que, entre a profusão dos seus devaneios, nunca sentiu igual ardor; entre as suas conquistas amorosas, temos esta referência homérica: «E Zeus, que domina as nuvens, respondeu-lhe: / – Hera! Espera [...] /deitemo-nos para o prazer do amor. [...] // [...] nem com a filha do ilustre Fénix, / que me deu como filhos Minos e Radamanto, [...]». Como se vê, as palavras do “pai dos deuses” são uma alusão à sua aventura com a princesa fenícia, mencionando a sua ascendência e descendência (esta pressupondo a gravidez de Europa após a união com Zeus em Creta, qual referência mui primeva na mitologia).

Hesíodo é ainda referência obrigatória por dois fragmentos de *Eeas* ou *Catálogo de Mulheres*, ao distinguir a predileta de Zeus, «[...] filha do admirável Fénix [...] Europa de belos tornozelos [...] donzela de formosa cabeleira» (fr. 141, p. 265). Apaixonado, e metamorfoseado em touro, raptou-a: «Zeus viu que Europa, a filha de

Fénix, recolhia flores num prado, acompanhada de ninfas, e apaixonou-se por ela; desceu do Olimpo, transformou-se em touro e, com a respiração, exalava da sua boca açafraão. Deste modo enganou Europa, colocou-a em cima, transportou-a para Creta e a ela se uniu. Então, nessas condições, fê-la viver com Astérion, o rei dos cretenses. E como ficou grávida, deu à luz três filhos, Minos, Sarpédon e Radamantis» (fr. 140, p. 264-265). Daqui brotaram outras glorificações mais extensas.

No século V a.C., Heródoto de Halicarnasso (490-425 a.C.), o “pai da história”, menciona o mito algumas vezes, mas é em *Histórias* (IV, 45) que alude à relação entre o nome da princesa e o nosso continente: «Quanto à Europa, ninguém sabe se ela é rodeada de mar, qual a origem do seu nome nem quem lho terá dado, a menos que se diga que recebeu o nome da Europa de Tiro; nesse caso, esteve antes sem nome, como as outras partes do mundo. É certo, porém, que essa Europa era originária de Ásia, e que ela nunca veio a esta região que os Gregos chamam presentemente Europa; ela veio somente de Fenícia para Creta, e de Creta foi para Lícia.» Assim, Heródoto tenta elucidar-nos acerca do marco geográfico do mito (Creta e Fenícia), da descendência de Europa, da origem do nome do continente.

É Mosco de Siracusa, poeta bucólico do século II a.C., que, ao versejar o mito no poema *Europa*, o orna em hexâmetros, fixando, porventura, o seu arquétipo – não uma epopeia como em Homero, mas “epopeia-miniatura” (*epyllion*) –, ao longo de 166 versos; aí, a odisseia de Europa não é exposta como antes (exaltando belas mulheres e linhagens de conúbios divinos), mas celebrando um evento erótico – Europa seduzida por Zeus, quando colhia flores com as suas amigas num prado verdejante, e raptada por Zeus metamorfoseado em touro.

Europa surge logo disputada: num sonho premonitório, a donzela «[...] imaginou que dois continentes por ela lutavam, /Ásia e o situado defronte; tinham a forma de mulheres» (vv. 8-9, p. 144). O continente em frente à Ásia receberá o nome de Europa, uma referência etiológica da narrativa. Já despertada, Europa dirige-se a um prado, junto a uma praia, com as amigas, «com quem ela sempre brincava quando se preparava para dançar, /quando se banhava na foz dos rios /ou quando colhia os perfumados lírios do prado» (vv. 30-31, p. 145). Mosco é original na descrição da corbeilha (vv. 37-38, p. 145) – «a própria Europa levava um cesto de ouro /admirável maravilha, magnífico trabalho de Hefesto», e recorre a écfrases (usual entre os poetas alexandrinos) que reproduzem cenas afins (vv. 39-45, p. 145) à da aventura de Europa.

Então, o narrador, desdramatizando, anuncia o rapto (vv. 72-73, p. 147): «Ela não irá por muito tempo fruir das flores, /nem manterá intacta a virginal cintura». Zeus, contemplando a cena, é loucamente arrebatado de desejo, apaixonou-se por Europa; ora, «para evitar a ira da ciumenta Hera, /ludibriando a mente ingênua da jovem, /ocultou ser um deus, mudou de forma e tornou-se touro» (vv. 77-79, p. 147), cuja descrição mostra como não era como os outros (vv. 80-83, p. 147) e como deles se distinguia: «todo o seu corpo era de cor loura, /e um círculo branco brilhava no meio da frente; /os olhos cintilavam e resplandeciam desejo; /cornos iguais se erguiam, lado a lado, de sua cabeça» (vv. 84-87, p. 147).

Depois, Zeus (vv. 89-96, p. 148) «Dirigiu-se ao prado e a sua aparição não amedrontou /as donzelas. Todas desejaram aproximar-se, /tocar o belo animal, cuja fragrância divina, /mesmo longe, superava o agradável aroma do prado. /Ele parou

aos pés da formosa Europa, /lambeu o seu pescoço e encantava a jovem. /Ela acariciava-o, limpava suavemente, com as mãos /a abundante espuma da boca, e beijou o touro». Por sua vez, «ele mugiu docemente: dir-se-ia ouvir /o melodioso som duma flauta migdónia! /Zeus ajoelhou-se a seus pés, olhou Europa, /virou o pescoço e exibiu seu largo dorso.» (vv. 97-100, p. 148). Europa, «sorridente, acomodou-se no dorso do touro; /as outras preparavam-se, mas, de repente, o touro lançou-se, /raptando aquela que desejava, e, veloz, alcançou o mar. Europa, virando-se, chamava as queridas companheiras /com os braços estendidos, mas elas não podiam alcançá-la» (vv. 108-112, p. 148).

Triunfal é a travessia do mar, com criaturas marinhas a formar um cortejo nupcial em torno de Zeus e Europa, que Mosco narra (vv. 125-128, p. 149) com pungentes diálogos: Europa, «olhando em volta de si, pergunta: /“Para onde me levas, divino touro? Quem és? Como atravessas, /com curvo passo, estes tumultuosos caminhos, e o mar /não temes? São os navios que cruzam o mar e sulcam as ondas”» (vv. 134-137, p. 149), «“por certo és um deus: ages tal como os deuses”» (v. 140, p. 149). Zeus tranquiliza-a: «Disse e respondeu-lhe o boi de belos cornos: “Coragem, não temas as vagas marinhas, ó virgem! /Eu sou o próprio Zeus, ainda que de perto eu pareça /touro, já que posso mostrar-me como queira. /O desejo por ti levou-me a percorrer tamanho mar, /parecendo um touro. Mas Creta já te receberá, /que a mim mesmo nutriu, e lá as tuas núpcias /acontecerão. De mim gerarás gloriosos filhos, /e todos, entre os homens, serão portadores do ceptro.” /Disse e cumpriu o que disse. /Creta surgiu e Zeus novamente tomou a sua forma, /soltou-lhe o cinto e as Horas prepararam o leito. [...]» (vv. 153-164, p. 150). Mais que vítima, Europa é partícipe, embora clamando: «“Ai! Sou mui desditosa! A casa /paterna abandonei, seguindo este touro /cumpro estranha navegação e vago sozinha”» (vv. 146-148, p. 150), qual lamento entre a *pátria* e a *aventura*, numa narrativa que se tornou arquetípica.

Também a literatura latina celebra o mito, emoldurando-o, quase rivalizando com a grega, como Quinto Horácio Flaco (65 a.C.- 8 a.C.), na *Ode XXVII* (Livro III), quando o poeta se refere ao mito a propósito de motivo coetâneo, já que é dedicado a uma certa Galateia, a quem deseja boa viagem e uma vida feliz, receando embora os riscos que Europa antes enfrentou: «“Por mim, sê feliz onde desejes, /e de nós lembra-te sempre, Galateia!”» (vv. 13-14, p. 245). Depois, em sete versos, um monólogo turbulento expressa o propósito de Europa, pálida, entre perigos: «Assim também confiou Europa seu nível corpo /ao doloso touro, e destemida empalideceu /perante um mar fervilhando de monstros, e perigos /que com ela se cruzavam. //Ainda há pouco nos prados colhia flores, /esmerada artesã de grinaldas às Ninfas votadas, /e agora na bruxuleante noite mais já não via /do que ondas e estrelas» (vv. 25-28, p. 246). Reconhecem-se narrativas helénicas, em especial sobre a jovem e o touro, num mar pejado de monstros, em cortejo mareante, que lembram o epílio de Mosco.

Num misto de fúria e desespero, vira-se contra o touro e si mesma: «Se alguém me entregar esse infame novilho, /esforçar-me-ei na minha ira por dilacerá-lo /com uma espada, e por desfazer os cornos /desse monstro amado ainda agora» (vv. 45-48, p. 246). Já só esperando a morte, com brados lancinantes (vv. 57-65, p. 247), Horácio põe, em contraponto, Vénus em cena, que se diverte nessa atmosfera patética, revelando à jovem desesperada quão grandioso é o seu destino: «Junto de quem assim se

queixava /estava Vénus, perfidamente rindo, e seu filho /com o arco desapertado. // Depois, quando já o suficiente se tinha divertido, disse: /“Deixarás de parte a ira e qualquer fogosa resistência, /quando o odiado touro te vier dar os cornos /para que tu os desfaças. //Não sabes, mas és já mulher do invencível Júpiter. /Deixa os soluços, aprende a suportar /o teu grandioso destino: parte do mundo /terá o teu nome”» (vv. 66-76, p. 247). Memorando Europa com um original monólogo, cheio de intensidade psicológica, Horácio subscreve, em versos latinos, a união das duas Europas – a da *jovem* e a do *continente*.

Já a aporção de Públio Ovídio Nasão (43 a.C.-17) – período clássico da Roma Antiga – é mui distinta, nos seus vários poemas, mas é em *Metamorfoses* (ca. 8 d.C.), em 15 cantos, que lemos o texto mais longo sobre o “rpto” (II, 836-875 e III, 1-2, p. 82-83). Aí, Júpiter dirige-se a Mercúrio para que este colabore na artimanha (II, 837-842, p. 82), enviando, para seu disfarce, uma manada de bezerras. É, porém, enfatizado um detalhe: «Ora, majestade e amor não ficam bem juntos, nem moram /num mesmo lugar. Pondo de parte o solene ceptro, o pai /e soberano dos deuses, [...] veste a aparência de touro. Põe-se a mugir /no meio dos bezerras, a deambular belo, no prado viçoso. /A sua cor era a da neve [...]. Os chifres são pequenos, tão belos que teimarias /serem feitos à mão, [...]. /Nada de ameaçador na frente, os olhos não causam medo: /a expressão é de paz. A filha de Agenor olha maravilhada, /pois ele é tão belo, ele nada tem de ameaçador ou agressivo» (II, 846-848, 850-853, 855-856, 857-859, p. 82-83). Aos seus rasgos físicos juntam-se os psíquicos (por exemplo, o olhar pacífico), que o distinguem – divino e arguto –, de modo a perpetrar ardidamente o rpto, levando a princesa a subir ao dorso. Ovídio não segue o acervo helénico, nem Mosco, passivamente, interpondo motivos próprios – cor branca, forma dos cornos, ofertas à virgem, as falas (lamento de Europa e apaziguamento de Júpiter), até a ascendência paterna de Europa atribuída a Agenor (e não a Fénix).

O rpto é narrado em 40 versículos, com Europa no dorso do touro, entre medo e desejo: «Depois, [o deus] avança ainda mais e leva a sua presa pelas águas /no meio do mar. Ao ser levada, olha para trás, para o litoral /ao longe, assustada. A direita agarra-se a um chifre, a outra /apoia-se no dorso; a roupa, ondulante pela brisa, tremula» (II, 872-875, p. 83). Em contraste com o texto de Horácio, Europa já não toma tanto a palavra, sendo antes os seus gestos com o touro que se relevam (é deus metamorfoseado). Ao monólogo trágico horaciano, próprio do lirismo da *ode*, contrapõe-se o *poema* centrado na figura de Júpiter – versão que também fixou o mito.

Em menos de três séculos, é em grego que Europa volta a ser celebrada; há semelhanças, mas há notórias diferenças, em especial um novo género literário. Aquiles Tácio (século II) – sobre quem faltam dados precisos – foi cultor do romance de amor e de aventura, legando-nos *Os Amores de Leucipe e Clitofonte*, onde o episódio do rpto é descrito através duma écfrase (técnica alexandrina usual a partir da pintura ou escultura ou joalharia), que faz recordar o texto de Mosco, mas noutra género – não uma epopeia, mas um *romance*. Se escasseiam indicações sobre as emoções de Europa, não faltam dados sobre a sua atitude, que transborda sensualidade, própria do género literário do texto – cuja explanação iria além do espaço que nos é aqui reservado.

Outro nome incontornável é o de Luciano de Samósata (ca. 125-192), sobre quem também escasseiam dados, sabendo-se que foi autor de vasta obra de ficção, humor e de retórica – 86 títulos (alguns de autenticidade duvidosa) –, entre a qual avultam os *Diálogos dos Deuses* e os *Diálogos Marinhos*, atribuindo nesta última um significado matrimonial ao mito de Europa, através do diálogo entre dois ventos – *Zéfiro* (vento do Norte) e *Noto* (vento do Sul) –, o primeiro contando a cena do rapto, em que as figuras de Zeus e de Europa surgem por entre uma profusão de deuses, divindades e outras criaturas incorporadas no cortejo. Se há elementos comuns a Mosco, algum eco de Ovídio, a intervenção de Afrodite, lançando flores sobre os amantes, é acrescento de Luciano. O intuito desmistificador do diálogo dá à narração uma atmosfera burlesca, a que não falta uma ironia subtil, escrita num tom muito *visual* e vivo – cuja interpretação excede o âmbito do nosso texto.

Fechamos com Nono de Panópolis (atual Akhmim, Alto Egipto), poeta grego (séculos IV-V), autor de *Dionisiacas* – último poema épico mitológico da Antiguidade (ca. 450-470), que versa acerca das aventuras do deus Dioniso (do nascimento em Tebas ao seu ingresso no Olimpo) –, com 48 livros e 21 000 hexâmetros. É no início (Livro I) que encontramos a referência mais longa ao mito – a que nos interessa –, que prima pela espectacularidade do cortejo nupcial, juntando uma multidão de divindades: «Embarcada no touro, que mal toca nas ondas, seguia a jovem a travessia no seu batel bovino; em viagem molhada, amedrontada com os saltos no ar, agarra os chifres como um leme: mas quem pilota é o Desejo [...]. Enquanto o touro alonga o passo, o vaqueiro Eros chicoteia o seu pescoço servil [...]; Palas, que não tem mãe, sente a vergonha queimar-lhe a face virgem quando vê o filho de Crono ter uma mulher por cocheiro» (vv. 66-69, 80, 84-85, p. 48-49). Nono enfatiza a ambivalência de sentimentos, seja de Europa (medo e desejo) seja dos espectadores (estupefação).

Então, surge um marinheiro áqueo que presencia a travessia do deus com a sua “presa” (vv. 90-106, p. 49-50), e interroga sobre a identidade (Selene, Tétis ou Deméter) da jovem (vv. 94-10, p. 49-50), sobre o touro (vv. 100-102, p. 50), e «esta Nereida dum novo estilo, pois, em vez de estar nua, leva o véu e, sem freio, conduz sobre as ondas este viajante pedestre, este insólito touro» (vv. 103-104, p. 50). Os enleios são de espanto, duma visão impossível a que subjaz a dualidade terra/mar. Chegados a Creta, após Hera (esposa de Zeus) dar voz aos seus loucos ciúmes, eis que, repassada de erotismo (I, 321-362), se consuma a cena amorosa: «E o filho de Crono [Zeus] deixou a forma de touro e, com o aspecto de jovem, correu para a Ninfa ferosa; acariciou-a, soltou-lhe a cintura, desnudou o peito e, afagando como por acaso as redondezas cheias do seio firme, roçou o lábio com um beijo; depois, em silêncio, rompendo o casto laço que preservava a sua virgindade, colheu o fruto quase maduro dos Amores de Cípria. E uma dupla geração inchou o ventre fecundado de Europa. Então, Zeus confiou a jovem esposa, grávida de divina progeneritura, ao poderoso Astérion, como mulher» (I, 344-354, p. 58-59). Se toda a tradição está presente no poema, propriamente de Nono serão as exclamações do marinheiro áqueo, o discurso colérico de Hera, a cena amorosa teogâmica repassada de sensualidade. Entrevê-se que o escopo de Nono não era tanto *contar* uma narrativa, mas, com mestria, enaltecê-la, mediante a *retórica*.

A disseminação do mito teve restrições na Idade Média – como a mitologia em geral – por motivação religiosa (repulsa do sensualismo e do paganismo), não obstante tentativas de reinterpretação cristã de Europa – por exemplo, Pierre Bersuire, amigo de Petrarca, reescreveu, em 1340, as *Metamorfoses*, em *Ovidius moralizatus* (Europa e o touro tornam-se alegorias religiosas). Já o Humanismo (séculos XV e XVI), com o retorno à cultura clássica (grega e latina), deu novo impulso às respetivas mitologias, com traduções da *Europa* de Mosco e das *Metamorfoses* de Ovídio, múltiplas figurações nas artes, a extensão da alegoria feminina de Europa aos novos mundos descobertos – com ilustrações em tratados e atlas, *v. g.*, o *Atlas* de Mercator e a *Cosmographia Universalis* de Thomas Münster. Por sua vez, o século XVII foi o da criação artística centrada na figura de Europa (por exemplo, quadros de Jordaens e Rembrandt) e obras poéticas. Se no século racionalista, o viés céptico se estendeu à mitologia, embora cultivada na poesia (por exemplo, André Chénier, *Bucoliques*) e nas artes, já no século XIX o mito inspirou quer textos literários (prosa e verso) quer a arte, tal como no século XX, com incidência alegórica (por exemplo, Thomas Mann, Paul Valéry, Fernando Pessoa).

Se, com frequência, não nos damos conta da transcendência de Europa, é, paradoxalmente, fora da Europa, pelas “cinco partidas do mundo”, na “Europa ao longe” – qual *rapto de Europa* –, que interiorizamos melhor essa relação axial de identidade, já que, como advertiu Heródoto, uma certa Europa é-nos ainda desconhecida.

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha  
Universidade do Minho

#### Referências

- HESIÓDO, *Obras y Fragmentos*, tradução de Aurelio Perez Jiménez y Alfonso Martínez Díez, Madrid, Gredos, 1978.
- MOSCHOS, “Europé”, in *Bucoliques Grecs*, Tome. II: ‘Pseudo-Théocrite, Moschos, Bion’, tradução de Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- NONNO DE PANOPOLIS, *Les Dionysiaques*, Tome I, chants I-II, tradução de Francis Vian, Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- HORÁCIO FLACO, Quinto, “XXVII”, in *Odes*, tradução de Pedro Braga Falcão, Lisboa, Livros Cotovia, 2008.
- OVÍDIO NASÃO, Públio, *Metamorfoses*, tradução de Paulo Farmhouse Alberto, Lisboa, Livros Cotovia, 2007.